



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

DAYANE DE AMORIM PRADO

**CONCEPÇÕES ACERCA DA FELICIDADE: O
FEMININO E O MATERNAL NA CONTEMPORANEIDADE**

ARIQUEMES - RO

2016

Dayane de Amorim Prado

**CONCEPÇÕES ACERCA DA FELICIDADE: O
FEMININO E O MATERNAL NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Prof^ª. Orientadora: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

Ariquemes – RO

2016

Dayane de Amorim Prado

**CONCEPÇÕES ACERCA DA FELICIDADE: O FEMININO E O
MATERNAL NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente Faema, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Orientadora Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Profº Ms. Roberson Geovani Casarin.
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Profª Ms. Carla Patrícia Rambo Matheus
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Ariquemes, 25 de novembro de 2016.

Dedico a Deus/Jesus Cristo.

Às mulheres da minha vida.

E a todas as pessoas que me
apoiaram e me deram forças
para que este trabalho fosse
realizado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus/Jesus Cristo** por me dar forças durante essa trajetória, principalmente nos momentos que achei que não fosse conseguir.

A minha orientadora **Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes** a quem tenho imensa admiração e por ser minha referencia de profissional, por ser essencial na elaboração deste trabalho, me ajudando na construção de ideias e em seu percurso. Agradeço pelo esforço, pela paciência, pelas críticas construtivas, que somente através dessas posso me moldar e me lapidar.

A minha mãe **Maria Zélia Pereira Amorim** por sempre estar ao meu lado em todos os momentos, por confiar em mim e acreditar que eu seria capaz, por investir para que esse projeto fosse concretizado, pela compreensão, por entender e me apoiar nessa fase, por me incentivar e enxugar minhas lágrimas quando achei que não conseguiria, por ser a peça principal para a realização deste sonho.

A minha filha **Litza Evelyn de Amorim Boff** pelo sorriso que me dava forças para seguir em frente, pela paciência e compreensão da minha ausência quando em muitas vezes eu não conseguia lhe dar atenção que desejava.

A minha irmã **Kelly Aparecida de Amorim Prado** pelo apoio e ajuda essenciais nesse momento, que mesmo estando longe disponibilizou parte da sua vida e do seu tempo para me ajudar, pelos conselhos fundamentais, pelo incentivo, pelas palavras que me motivaram, por nunca desistir dos seus sonhos e por me fazer acreditar que eu também poderia concretizar os meus.

Ao meu pai **Ivanildo de Oliveira Prado** por fazer parte da minha vida, pela ajuda e apoio, e por muitas vezes ser privado da minha companhia e por torcer pela concretização deste sonho.

Ao **Gilmar de Oliveira Ribeiro** pelo incentivo, paciência em me ouvir, por ser compreensivo e companheiro, pela dedicação, carinho e amor conferidos nos momentos que eu mais precisava nessa fase tão importante da minha vida.

A todos o meus **amigos** que de alguma forma ajudaram para que este trabalho fosse concretizado.

As qualidades humanas não dependem do sexo: “Não existe sexo nas almas”

Wollstonecraft e Kehl

RESUMO

Na sociedade contemporânea a formação da mulher e a sua feminilidade são ensinadas desde criança. Saúde e beleza são algo determinante, sendo que a saúde é sinônimo de um padrão estético, e esse nos é colocado como um caminho para a felicidade individual. Diante disto, problematizarmos sobre o lugar conferido à maternidade no imaginário das mulheres, que são influenciadas pelos ditames culturais imediatos que confere uma imagem antagônica da mulher e da maternidade. Falaremos também da escolha ou não de ser mãe, bem como a maternidade tardia, esta sendo o protótipo dessa nova mulher. Com isso, verificamos que a maternidade deixar de ser um destino para ser uma escolha da mulher contemporânea, posta pelos ditames de uma vida bem sucedida e adiada para proporcionar uma plena realização.

Palavras-chaves: ideais de felicidade, maternidade, feminilidade, mulher contemporânea.

ABSTRACT

In Contemporary society the woman's formation and her femininity are taught since childhood. Health and beauty are something decisive, in which health is synonymous for an aesthetic standard, and this is set as a path to individual happiness. Given this, we problematize on the place given to motherhood in the minds of women, who are influenced by immediate cultural dictates that gives an antagonistic image of women and motherhood. We will also talk about the choice of being or not mother as well as a late motherhood, this being the prototype of this new woman. Therefore, we found out that motherhood is not comprehended as a fate, but configures a sort of choice of the contemporary women, determined by the dictate of a well succeeded life and postponed to proportionate its full accomplishment.

Keywords: ideals of happiness, motherhood, femininity, contemporary woman.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3 METODOLOGIA	13
4 REVISÃO DE LITERATURA	14
4.1 CAPÍTULO 1: CONCEPÇÃO DO FEMININO.....	14
4.1.1 Revoluções sexuais	17
4.1.2 Concepção do panorama vienense	24
4.1.3 Concepção Freudiana da civilização	26
4.1.4 Crítica à teoria Falocêntrica	27
4.2 CAPÍTULO 2: CONTEMPORANEIDADE - IDEAIS DE FELICIDADE, RELACIONAMENTO, CULTURA.....	30
4.2.1 O narcisismo como protótipo de recepção dos ditames culturais.....	36
4.2.2 A mulher contemporânea e seus novos papéis	38
4.3 CAPÍTULO 3: PROBLEMATIZAÇÃO - MATERNIDADE, A DESEJADA E A NÃO DESEJADA	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

O que busca a mulher contemporânea? Que participação tem a cultura diante dessas novas mulheres e mães? Como a maternidade é vista por essa nova mulher contemporânea? Descrever a construção social da maternidade na contemporaneidade é o que se pretende, e discutir os novos papéis conferidos á essa nova mulher, e as mudanças quanto ao seu papel e o que isso tem gerado. (BORSA & FEIL, 2008).

O percurso a ser trilhado para tal investigação foi primeiramente investigar a concepção do feminino, como eram educadas nas décadas passadas, para em seguida conhecer como isso se modificou ao longo da história, quais foram as suas lutas e conquistas através das revoluções sexuais, assim como as transformações decorrentes.

Para tanto, descrever a cultura da cidade e da época em que Freud vivia quando criou a psicanálise: quais eram os costumes das mulheres daquela sociedade, o que priorizavam e como pensavam, a fim de examinar as concepções quanto à civilização da época e a partir destes pressupostos fornecidos por essa cultura. Para completar o quadro, perpassamos a recepção da teoria e do pensamento de Freud quanto ao feminino apresentando a crítica dirigida pela escritora Virginia Woolf, bem como o modo das psicanalistas entenderem o conceito de feminilidade na psicanálise. A título de complementação, iremos percorrer as linhas gerais que a filósofa existencialista Simone de Beauvoir examina ao abordar a respeito da história da feminilidade.

Este percurso importa porque nosso objetivo é questionar o modo como a sociedade contemporânea entende os ideais de felicidade concebidos pela mulher em meio a seus relacionamentos e cultura. Para isso, verificamos as próprias transformações da cultura. Em especial, elencamos de que modo o narcisismo poderia ser pensado como protótipo comum de recepção dos ditames culturais na sociedade, uma vez que esta vem ditando modos de se viver através do culto da imagem, do imediato e do instantâneo.

Em meio às mudanças que ocorreram na vida da mulher, visamos questionar quais os seus novos papéis, verificando primordialmente o que mudou em relação aos séculos passados, a fim de levantar a questão de como a mulher

vem lidando com esses novos papéis e a multiplicidade de tarefas dela exigida. Diante desses novos papéis, lidar com a falta de tempo e com outros projetos de vida conciliando todas as atividades, certamente interfere no modo como a mulher veria a maternidade, pois hoje ela tem a opção de ter ou não filhos, diante da independência e de poder ser dona e controlar sua própria vida, o que antes não lhe era possível.

Este trabalho pretende discutir quais são os ideais de felicidade da mulher contemporânea, como ela vê a maternidade nos dias atuais, como a cultura instiga ideal de uma vida feliz e bem sucedida que estão imersos em imagens específicas como a paixão, jovialidade, estética e mercado de trabalho.

A psicanálise teve início com este questionamento sobre “O que querem as mulheres”, e, segundo Maud Mannoni, isto nunca foi respondido por Freud. Saber o que querem essas novas mulheres, seus ideais de felicidade, bem como as transformações por elas sofrida é de grande importância e relevância para o trabalho para podermos analisar a que ponto chegamos e a qual caminho estamos indo, visando, assim, desmistificar alguns ditames da sociedade.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

Investigar quais as concepções de vida feliz frente às novas configurações da feminilidade e da maternidade nas mulheres contemporâneas.

2.2 ESPECÍFICOS

- ✓ Descrever como a cultura constrói nas mulheres ideais de uma vida feliz e bem sucedida ao longo da história;
- ✓ Inferir à respeito do efeito da mídia na postura destas novas mães e mulheres;
- ✓ Inferir qual o lugar conferido à maternidade no imaginário das mulheres contemporâneas;

3. METODOLOGIA

Para cumprir os pressupostos metodológicos desta investigação, será utilizada uma pesquisa bibliográfica. Esta é desenvolvida com base em material já elaborado, por meio da qual são pesquisadas bibliografias constituídas principalmente de livros e artigos científicos. Realizou-se a pesquisa no período de janeiro a outubro de 2016.

As bases de dados consultadas foram o Electronic Library Online (SciELO) e Pepsic, dos quais foram encontrados cerca de 20 artigos e, destes, devidamente utilizados 08 artigos, 2 dissertações de mestrado. Além destes, foram consultados 09 livros do acervo particular da orientadora.

Os descritores utilizados para a pesquisa nas bases de dados foram: ideais de felicidade, maternidade, feminilidade, mulher contemporânea.

Os critérios de inclusão foram baseados em literatura científica dentre 2000 a 2015, com exceção de algumas obras clássicas, tais como “História da vida privada”, de Antoine Prost, publicada em 1987; “O Segundo sexo”, de Simone Beauvoir, publicado em 1967; “Elas não sabem o que dizem”, de Maud Mannoni, publicado em 1999; e “A Viena de Wittgenstein”, da autoria de Allan Janik e Stephen Toulmin, obra publicada em 1991. Os critérios de exclusão foram temáticas não concernentes especificamente ao recorte abordado, ou seja, incapazes de congregar uma reflexão histórico-sociológica ou alheios à abordagem psicanalítica.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 CAPÍTULO 1: CONCEPÇÃO DO FEMININO

A criação social dos gêneros feminino e masculino, a própria noção de intimidade é histórica, tomando parte de uma transformação da organização dos espaços familiares e sociais. Quanto aos primeiros, pode-se datar no ano de 1973 a mudança ocorrida por meio da transformação habitacional francesa, que conferiu um grande progresso na morada dos trabalhadores e motivou uma forma distinta de viver, gerando a noção de espaço individual a partir da organização do ambiente familiar que confere o poder de cada integrante obter sua vida privada. Antes desta época tudo era compartilhado, principalmente o lugar de dormir, de forma que logo após a segunda guerra mundial as pessoas ainda se assombravam com uma cama para cada um. Faltava espaço para cada indivíduo do grupo da família e era impossível fugir a divulgação do ambiente familiar. (PROST, 1987).

A classe média conferia um espaço individual maior, um ciclo bem maior de convivência e conhecidos, e mais tempo para encontrar esses amigos, diferentemente da classe dos operários, que não disponibilizava desse tempo. A vida privada era um privilégio burguês. Já entre a classe dos trabalhadores a privacidade não existia, sendo submetida a um controle social; no casamento, por exemplo, o olhar do outro incidia sobre a noção de privacidade, de forma que era indispensável que o casamento se consumisse e se tornasse público por meio da constatação do sexo na noite de núpcias. Quanto à organização dos espaços sociais mobilizadores da noção de intimidade, pode-se situar a influência de um desenvolvimento na escolarização, que em 1959 marcou o surgimento de uma nova norma: o jardim de infância e as creches, que antes eram destinados somente para mães de classe baixa, pois estas tinham que deixar seus filhos aos cuidados de outrem para trabalhar – e uma vez que, quanto à classe alta, os filhos eram mantidos com as mães o máximo possível, sendo alfabetizados em casa - passando com o tempo, a serem privilegiados, generalizando-se a escolarização. (PROST, 1987).

O espaço escolar, presente cada vez mais cedo na educação da vida infantil, foi aos poucos se tornando também o lugar privilegiado para a educação

afetiva das crianças, o que sinalizou outra grande mudança, antigamente os pais tinham uma conduta opressora, tanto por hábito como por necessidade: quando precisavam de algo não perguntavam aos filhos, simplesmente os mandavam. Pouco antes da segunda guerra mundial, por exemplo, era de costume que os pais definissem a profissão dos filhos, eles transferiam para a escola a função de educar os filhos: assim a escola deveria alimentá-los cuidar afetivamente das crianças postas sob o domínio do poder público. (PROST, 1987).

A sociedade era patriarcal e podemos perceber como a cultura concebia o feminino moldando as mulheres a certos costumes da época. Sobre a influência da cultura na concepção do feminino explica Beauvoir (1967), filósofa existencialista, em seu livro “O Segundo Sexo” que os meninos e as meninas nascem dotados dos mesmos instintos e capacidades racionais, mas para a menina desde os primeiros anos de vida sua vocação para maternidade e passividade já lhe é ensinada. Por volta dos seis meses quando a criança descobre sua imagem no espelho, começa então a se identificar e reconhecer sua identidade, compreendendo os gestos dos pais, a fim de se tornar um indivíduo independente. Contudo, durante os quatro primeiros anos não há um diferencial entre meninos e meninas, de forma que os dois apresentam maneiras de seduzir, cativar e promover sorrisos e ser contemplados.

Durante a infância as meninas parecem inicialmente favorecidas, e enquanto os meninos aos poucos não aceitam mais os beijos e carinhos, as meninas prosseguem grudadas à mãe, tendo, no colo do pai, mais contatos carniais, ao passo que aos meninos essas manobras lhe é proibida. Os meninos são convencidos quanto à sua superioridade, devendo orgulhar-se por sua virilidade, virilidade que se revela de forma concreta através do pênis. Sendo o pênis desprendido do corpo, mostra-se como um passatempo natural e uma espécie de brinquedo dos meninos. Já para as meninas essa realidade é muito diferente: nem a mãe nem qualquer outra cuidadora dá importância às suas partes genitais, sendo esse um órgão secreto que não se pode tocar. Dentre esta dinâmica ideológica de diferenciação dos sexos, as meninas são conduzidas a um sentimento pessoal de inferioridade. (BEAUVOIR, 1967).

A menina descobre o sentido das palavras "bonita" e "feia" e sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser "bonita como uma imagem"; ela procura

assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos. (BEAUVOIR, 1967, p. 21).

Sobre isso, Dolto e Nasio (2008) descrevem que a palavra imagem é constituinte de nossas identidades. Os mesmos pontuam se observarmos nossa fala diária, veremos que falamos baseados em identidades obtidas culturalmente. A própria imagem do corpo é compreendida de modo estrito, como nos mostram os desenhos das crianças, que as veem como representações duais. A criança sempre desenha sua própria figura procurando sua própria identidade na imagem representada no desenho e contando-se por meio do desenho. E por isso em uma análise deve-se escutar o desenho como uma fantasia, pois é isso que ele é, nele aparecendo claramente a estrutura do eu e do superou. O desenho constituiu a imagem inconsciente do corpo. No entanto, não é uma imagem no sentido literal da palavra, pois pertence à linguagem que põe em perspectiva a identidade e a identificação. A representação é constatada em uma parte dolorosa do corpo, a que se encontra o sujeito que protege a transição da imagem com seu eu.

Kehl (2008) descreve que assim que nascemos nos são concedidos papéis de “homem” ou “mulher” sem ao menos um manual de instruções que explique o que é “ser homem” e “ser mulher”. No entanto, os manuais de instruções existem, sim, e se constituem através da cultura, que nos impõe deveres e modos de agir. Além de se esperar das mulheres que ocupem somente espaços domésticos, esperam também que desejem virtudes de sua feminilidade: a docilidade, o recato, a passividade em relação aos homens, e, em seguida, aos filhos. Para o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1995, apud Kehl, 2008) é imprescindível que mulheres sejam educadas de forma recatada, de forma a equilibrar o casamento. Assim, dominando a voracidade sexual própria da natureza das mulheres e que não consegue ser satisfeita pelos homens, as mulheres devem ser educadas de forma a serem recatadas para que com isso elas possam manter as relações conjugais e a fidelidade devotada ao matrimônio. Para Rousseau apud Kehl (2008) descreve que esta educação não deva ser aplacada, mas sim organizada pela artimanha das mulheres, que, sabendo de sua importância de conceber, têm a função de cativar os homens para melhor dominá-los.

No século XIX alguns autores, como Peter Gay, relatam que ideais de casamento fundados no amor e igualdade entre marido e mulher geraram homens que achavam imprescindíveis mulheres com qualidades tidas como masculinas;

como: atitude, capacidade e intelecto. Isso mostra, na senda de Lacan, que na constituição dos sujeitos o discurso do outro não é exatamente fixo, sofrendo transformações ao longo da história que não modificam a estrutura da linguagem, mas os lugares que a cultura concede ao sujeito a partir do uso da própria designação linguística. O papel das mulheres, por exemplo, vai depender das práticas falantes que se alteram minuciosamente e vagorosamente devido o deslocamento decorrente dos agentes sociais - como gênero, mudança de classe e poder, os quais fogem ao controle das vontades individuais. (KEHL, 2008).

Sendo assim, podemos perceber-se que a concepção do feminino foi construída socialmente, sendo a noção da diferença sexual apenas parte do processo, concepção esta que foi se modificando com os avanços da cultura e, especialmente, a partir das revoluções sexuais.

4.1.1 Revoluções sexuais

Na linha de pensamento de alguns dos escritores sobre as revoluções sexuais, Kehl (2008), por exemplo, afirma que no século XIX, com o advento da modernidade, foram gerados vários padrões e falas que organizaram o simbólico, dando lugar ao sofrimento humano – as neuroses. É digno de nota que este foi o século em que surge a psicanálise. Várias transformações como industrialização, urbanização, modernidade, a moralidade burguesa, o surgimento da família nuclear e a separação entre o público e o privado transformaram a cultura europeia, surgindo assim um novo indivíduo.

Desse modo, a submissão das mulheres foi lentamente colocada em xeque no surgimento de ideais de independência dos indivíduos modernos; em contrapartida aos ideais de domesticação feminina se colocava os de liberdade; o pensamento de uma vida condenada ao casamento, e à maternidade foi destronado pela ideia moderna de que cada indivíduo devia escolher seu próprio destino. Mas este foi um processo lento, pois antes se pensava que o único lugar digno para a mulher seria o lar, sendo sua tarefa aquela designada pela natureza: a maternidade. Estas transformações advêm do final do século XVIII a partir da revolução francesa que resultou em uma desordem social, acabando com antigo regime e culminando na separação da vida pública da vida privada. Com a revolução francesa e a

participação das mulheres nela, originaram-se ideais de emancipação feminina do antigo regime, regidas de forma indireta pelo Iluminismo, que valorizava a autonomia do indivíduo; ocorreram também ideais de liberdade quanto à religião, que se espalharam além da sociedade francesa. Na Inglaterra e em seguida na Alemanha, as mulheres passaram a desprezar a submissão ao casamento vendo como prisão a maternidade, tentando assim alimentar o intelecto e a vida mundana; enciclopedistas discorriam sobre a igualdade entre os sexos e contribuíram para uma verdadeira difusão dos moldes iluministas dentre as mulheres. Em relação às crianças, diziam que pai e mãe deveriam ter os mesmos direitos. No casamento, a partir do Contrato Social de Rousseau, foi promulgada a ideia de que a mulher teria total liberdade na escolha do marido, assim como o homem a tem, escolha que, seguindo os ideais românticos, baseava-se no amor. Montesquieu denunciou a desigualdade entre homens e mulheres, considerando uma “verdadeira tirania” o império masculino. (KEHL, 2008).

O medo de que essas mudanças na vida e na educação das mulheres pudessem prejudicar a família e a sociedade começou a surgir; mesmo antes do período revolucionário se constatava o abandono de algumas crianças por suas mães, motivado pelos primeiros movimentos sociais, que, de forma ainda desorganizada, eram movidos por ideais iluministas de autonomia dos indivíduos modernos pela razão. De acordo com Kehl Badinter afirmava que no século XIX crianças que nasciam nas principais cidades da europeia no século das Luzes tiveram taxas de abandono e mortalidade altíssimas, gerando assim grandes conflitos em relação às mulheres e as famílias tradicionais. (KEHL, 2008).

Devido a diversos motivos como a necessidade de mães pobres terem que trabalhar distante de casa, a atração pela vida urbana, ideais de esclarecimentos trazidas pelo iluminismo, pela autonomia proporcionada pela Revolução, filhos de mulheres do século XVIII eram tidos como ameaça à saúde, à independência e à formosura de suas mães. A maternidade não era vista como nos dias atuais e foi somente a partir do século XIX que as mães passaram a conferir aos filhos um amor narcísico. Geralmente ao nascer os bebês eram levados aos cuidados de amas-de-leite, em sua grande maioria miseráveis, que se dividiam nos cuidados entre seus filhos e os das contratantes. As burguesas do século das Luzes consideravam a criação dos filhos e as tarefas domésticas eram tidas como repugnantes, destinando-se à criadagem. Declaravam degradante também a amamentação,

sendo que as jovens eram aconselhadas pelas mães, sogras, parteiras a não amamentar, pois não se tratava de uma tarefa nobre de uma dama superior. (KEHL, 2008).

No entanto, as mulheres revolucionárias do século XVIII pouco mudaram quanto ao argumento do lugar da mulher ser determinado por sua natureza. Como o sustento da família continuou a depender do homem, o destino das mulheres ligou-se para com o dever com os filhos. Devido a este dever, elas foram criticadas por quererem ter menos filhos, por não quererem se casar, por querer ter uma vida social ou até mesmo estudar. (KEHL, 2008).

Um aspecto fundamental para fomentar a liberação social da mulher que foi sua conquista à cidadania política por meio do direito do voto e da inserção no mercado de trabalho. Com o direito ao voto em 1944-1945 a mulher continuou por muito tempo submissa ao homem, de forma que somente quando efetivamente entrou no mercado de trabalho conseguiu almejar uma maior liberdade.

Apesar de deterem maior liberdade econômica e social, as mulheres eram exploradas nas fábricas, chegando a trabalhar 70 horas por semana. Várias indústrias contratavam mulheres e crianças que trabalhavam juntamente com os homens, sendo seus salários bem menores que dos homens, porém elas não tinham outra opção como tipo de renda, de forma que, apesar de poderem alcançar alguma independência financeira, muitas delas optavam por permanecer reclusas à vida doméstica, posto que seus trabalhos remunerados fora de casa não as desobrigavam das tarefas do lar. (BEAUVOIR, 1967).

Sendo os salários mínimos, as mulheres trabalhadoras tinham um modelo de vida que a sociedade as atribuía que era muito alto comparado com o que se ganhava, sendo elas excluídas se mal vestidas; até mesmo o amor lhes era negado, de forma que muitas mulheres não tinham alternativas a não ser aceitar o que lhes eram imposto, não raras vezes abandonando o trabalho fora de casa para serem sustentadas pelos companheiros. (BEAUVOIR, 1967).

Enquanto que para o homem era um hábito “natural”¹ ser ativo e autônomo, para à mulher o designado como “natural” se resumia em viver em um mundo em

¹Natural aqui compreendido no sentido de uma essência ou natureza humana, e não um constructo social.

que lhe era destinada a passividade e os cuidados domésticos; além disso, as mulheres deveriam ter cuidados minuciosos com suas vestimentas. (BEAUVOIR, 1967).

Além desta exigência social para o pleno exercício da atividade fabril – comum aos homens e às mulheres, as mulheres trabalhadoras e as estudantes deviam, ao chegar em casa, dedicarem-se a uma dupla jornada, cuidando da casa e dos filhos. Já a mulher bem remunerada se guardava dessas tarefas, mas elas eram a minoria das trabalhadoras; mesmo com relação a estas eram impostos requisitos sociais: como a necessidade de não apenas cuidar do lar (ser boa anfitriã, mãe atenciosa e esposa dedicada), mas também de cuidar da beleza, dedicando-se ao requinte das compras e das atenções sociais para continuarem a ser vistas como “verdadeiras mulheres”. Na incursão do mundo do trabalho, segundo descreve Beauvoir, a mulher: “quer viver como um homem e como uma mulher ao mesmo tempo: com isso multiplica seus trabalhos e fadigas”. (BEAUVOIR, 1967, p. 454).

Mesmo presente de forma patente no mundo do trabalho fora de casa, o homem, também no plano familiar, desempenhava um domínio muito rígido sobre seus integrantes, sendo a autoridade maior da família; a mulher casada necessitava então de seu consentimento redigido para ter uma conta em banco ou gerenciar seu patrimônio; somente com as leis dos regimes matrimoniais, de 1965, e o pátrio poder, de 1970, extingue-se a subalternidade jurídica da mulher em relação ao esposo. De modo geral, a mulher ficava restrita à vida familiar; dentre seus méritos estavam os valores domésticos, de forma que cabia às mulheres comandar o ambiente familiar, no qual exerciam um poder definitivo, sendo o território familiar um espaço dela: o único reinado permitido socialmente à mulher era o do lar, resultado de uma sociabilidade do homem fora do ambiente familiar. (PROST, 1987).

Com o pátrio poder e as mudanças advindas, a obtenção da vida privada feminina passa por uma cisão dos poderes conferidos socialmente à mulher e os ditames do ambiente familiar, na relação com a casa, o marido e os filhos. Mas antes mesmo de adentrar neste cenário, a mulher ainda contava com uma influência ainda muito proeminente advinda de seus próprios pais, cujos poderes se faziam notar especialmente porque o casamento era assunto de família. (BEAUVOIR, 1967).

No que se referia à conquista amorosa, a mulher não deveria tomar a iniciativa; deveria ser passiva, sempre mantendo o *status* de ingenuidade. A mulher

tinha sempre que se anular para satisfazer as vontades tiranas dos homens, sejam eles o pai, os irmãos ou os maridos; em contrapartida, era comum para os homens que as mulheres cuidassem das tarefas domésticas e garantissem a educação e os cuidados das crianças. Ela mesma defendia que ao se casar assumiria responsabilidades, a fim de que o esposo pudesse gozar dos privilégios que lhes eram garantidos ao terem se unido a “uma mulher de verdade”; dentre tais privilégios estariam a obrigação feminina de ser bonita, boa organizadora do lar e mãe zelosa, requisitos estes de uma consideração social de “boa mulher”. A mulher passa a assumir essa posição ao mesmo tempo por apreço ao seu companheiro e lealdade a ela mesma, pois não queria fracassar em sua destinação feminina. (BEAUVOIR, 1967).

Quanto à própria escolha amorosa havia dois cenários baseados na classe social: nas classes economicamente menos favoráveis os indivíduos tinham mais liberdade de escolher o parceiro, não havendo muita influência da família na escolha do futuro marido ou esposa, principalmente pela falta de dote, já nas classes altas o casamento era negociado pelas famílias. O casamento geralmente significava liberdade, a marca da autonomia dos filhos em relação aos pais; no entanto, em muitos casos os pais continuavam exercer autoridade sobre os filhos mesmo depois do casamento, principalmente naqueles casos em que os filhos já casados dividiam o mesmo teto com os pais - situação que, mesmo sendo considerada anormal, muitas vezes não podia ser evitada. (PROST, 1987).

Nesta medida, as mulheres enfrentavam dificuldades para satisfazerem seu desejo por autonomia, mas esta não corresponde exclusivamente aos desejos femininos; quanto aos desejos sexuais, cabe sublinhar que para as mulheres não era permitido, de forma alguma, satisfazer seus desejos carnis – como os homens faziam nos bordéis ou mesmo em encontros furtivos. As mulheres independentes que detinham suas próprias casas não podiam levar desconhecidos, assim como faziam os homens, devido à desvantagem da força física em relação aos homens, já que essas mulheres podiam ser espancadas e roubadas, além de haver uma restrição social da sexualidade feminina representada por meio da noção de escândalo fortemente demarcada na cultura. (BEAUVOIR, 1967).

Durante o século XIX as mulheres tinham pouco acesso e um pequeno tempo de liberação das tarefas domésticas para a leitura, ainda tendo a desaprovação dos pais e esposos. A leitura acabou trazendo mudanças nos hábitos

das mulheres; novos interesses foram provocados pelas leituras, tais como na política, gerando uma vontade de participar de algo a mais do que o isolamento da vida doméstica. As vendas dos folhetins aumentaram significativamente a literatura romaneada, dando oportunidade às mulheres de, por meio do livro, viajar pela imaginação – um atributo até então exclusivo dos homens. (KEHL, 2008).

Dessa forma o casamento foi sofrendo várias alterações ao longo dos anos. Se nos idos de 1930 o casamento era signo da criação de laços dentro de uma realidade social - formar um lar, ter uma carreira e o dinheiro - também se passou a considerar as qualidades morais da mulher, que se mostravam mais importantes que a normas estéticas e psicológicas para se optar pelo casamento. Quando a pessoa tinha uma vida penosa e solitária ela se casava para o sustento e ajuda compartilhada ao longo da vida, para ter filhos que também pudessem contribuir, aumentar o patrimônio e deixar de herança, que sabe, algum dinheiro aos filhos. Estes eram os valores impostos pela sociedade, de forma que o indivíduo era julgado em função do prestígio de sua família. Quando abastada, o casamento se efetuava num contrato duradouro, não podendo ser quebrado a não ser por faltas graves. (PROST, 1987).

A partir do XVIII as mulheres se tornam leitoras e, com isso, intelectualmente independentes; é certo que houveram mulheres que buscaram ajustar a ideia de amor matrimonial com seus interesses intelectuais, fazendo de seus maridos o instrutor que poderia auxiliá-las em seu trajeto de autonomia, podendo levá-la de simples *leitora* a *autora*. (KEHL, 2008)

Por volta de 1940, as separações quase não ocorriam: eram menos de 30 mil por ano e em 80% dos casos eram as mulheres quem tomava a iniciativa do divórcio. Isso ocorria em casos extremos, quando, por exemplo, o companheiro era alcoólatra, ela era traída, sofria violência, ou quando o companheiro não ajudava nas necessidades do lar, tornando-se um peso. A norma social da época não tomava o amor como critério para o casamento, e o valor dado aos aspectos institucionais do casamento ocultavam as afetivas. (PROST, 1987).

Como os costumes sociais mudaram, na França, surge em 1968, o planejamento familiar: o controle da natalidade e a consideração do tema da gravidez indesejada. Em 1975 surge a lei Veil para se obter a legalização do aborto, trazendo o direito das mulheres sobre seu próprio corpo. Cresce então a contracepção feminina, diante desse contexto, e a sexualidade se separa da

procriação. Também nesta época ocorre na França uma evolução educacional e os adolescentes ganham mais independência no grupo familiar. A partir disso, o casamento não se torna necessário para fugir do poder dos pais e vai deixando de ser uma instituição para se tornar um protocolo. É mais comum de se encontrar a união livre dentre as famílias pobres, mas estas também se expandiram nas categorias superiores da sociedade de pessoas instruídas. (PROST, 1987).

Não somente a instituição do casamento, mas a própria constituição nuclear de família se vê modificada: a família formada por um casal e filhos já não é costume. Em 1981, apenas 10% dos filhos acaba sendo criada por um dos pais, e, em sua grande maioria (75% dos episódios) é a mãe a responsável pelo cuidado dos filhos, mães solteiras, então, escolhem ter filhos sem se casar e sem gerar discórdia com o parceiro, sendo assim as únicas a exercer controle sobre os filhos. O laço entre mãe e filho se solidifica de forma que a ligação do cidadão com grupo familiar se transforma. Com exceção da maternidade, a família é apenas a junção dos indivíduos, cada um com sua própria vida privada. (PROST, 1987).

Entretanto, a posição feminina não se resume na maternidade e o cuidado do corpo passa a ocupar um lugar privilegiado a partir da incorporação do esporte pelos jovens e a criação das férias remuneradas. Com isso ocorre simultaneamente uma grande evolução nos vestuários; entre as mulheres, as roupas passam a valorizar a aparência. As revistas femininas passam a falar de exercícios físicos diários, levando as mulheres ao cultivo do corpo, o que instaura a preocupação de sempre se conservarem atraentes, uma vez que as revistas da época afirmavam que, para manter seus companheiros, as mulheres deviam continuar sempre sedutoras. Essa nova exigência em relação às mulheres não eram encontrada na geração anterior, para a qual os cuidados com delineamento do corpo era requisito exclusivo das mulheres “fáceis”. Já nas classes economicamente menos favorecidas essa nova realidade demorou um pouco mais, mas com o tempo todas acabaram sendo levados pela evolução da sociedade do consumo, na qual o cuidado com o corpo passa a não ser signo exclusivo da vaidade, mas corresponder à saúde e à vitalidade.² Ameaçado pela idade e pela a doença, os cuidados com o corpo passam

² Essa nova forma de ver o corpo traz consigo grandes transformações, mudando também a relação do indivíduo com os outros e principalmente consigo: as pessoas passam a encontrar prazer na vida privada, tomando banhos diários, e os espelhos passam a difundidos, de modo que o corpo passa a ser exposto socialmente, instigando a correspondência com a identidade pessoal. Isso se torna

a exigir o esforço de retardar sinais da idade. Como as pessoas passam a temer o envelhecimento, os produtos cosméticos invadem o mercado, juntamente com a venda das medicações. (PROST, 1987).

Neste ínterim, pode-se indagar-se o lugar conferido às mulheres era visto de forma confortável por todas elas. Maud Mannoni, psicanalista francesa nos dá pistas sobre o desconforto causado pela posição feminina aliada à vaidade ao enfatizar que Virginia Wolf já defendia o lugar da mulher no meio intelectual, atuando ativamente na luta feminista de 1920 pelo direito à contracepção e combatendo a função exclusiva da mulher como reprodutora que incidia ao longo do século XIX, nos mostrando que no século XX as mulheres se rebelaram contra o domínio dos homens no mundo das letras. (MANNONI, 1999).

4.1.2 Concepção do Panorama Vienense

Apesar deste panorama histórico social que impulsionou mudanças significativas às mulheres, importa ressaltar que a própria concepção de feminilidade ficou marcada na história da psicanálise pela visão que se tinha na ocasião em que Freud construiu sua teoria sobre histeria. A Viena de sua época se mostrava uma cidade charmosa aos turistas, tendo ruas cheias de cafés, onde podiam se sentar com uma taça de vinho ou uma xícara de café e ler toda uma tarde. Este era o estilo de vida de Viena, que também era vista como sede da criação cultural, o que tornava a vida mais complicada aos revolucionários. (JANIK; TOULMIN, 1991).

Durante o reinado de Francisco José, Viena era comparada a Paris, e se transformou em muito mais que uma cidade, tornando-se um ícone de um modo de vida burguês. Os paradoxos de Viena no império dos Habsburgo não podiam ser facilmente descritos: o mundano era o que gerava miséria, era uma sociedade que expressava no seu formalismo uma encoberta desordem cultural. A monarquia tinha uma vida dupla, existia uma glória fútil, e isso se repetia na política, na aristocracia, com os trabalhadores e nos costumes. (JANIK; TOULMIN, 1991).

O sucesso financeiro era suporte para uma sociedade patriarcal. Os casamentos da burguesia eram acordados como união de empresas, diminuindo relações familiares transformando-as em relações monetárias. Era fundamental que

visível na noção de que ter vergonha do corpo significaria sentir vergonha de si mesmo (PROST, 1987).

o indivíduo com posses fizesse um bom casamento, pois a sociedade estimava alguns valores como a segurança, a ordem, modelos de bom gosto. O irracional, o desordenado, o impulsivo deveria ser evitado. Seguindo essas normas, o cidadão seria compensado com um ótimo nome e resultados conciliáveis para capacidade e sucesso pessoal. Este sucesso era notável pelos bens e posses, pois o sucesso era expresso no que possuía. A estabilidade financeira era uma virtude, e essa ideia se tornava concreta com a identificação do seu lar, que deveria ser um verdadeiro castelo. O pai de família deveria ser responsável pela ordem e segurança, sendo assim tinha poder total, seu lar era a imagem do sucesso de um homem. (JANIK; TOULMIN, 1991).

Nesta geração de Freud, pessoas que cresceram nesse contexto também repleto de valores estéticos se tornaram incapazes de entender a realidade de outros valores. O individualismo, o amor-próprio e o egocentrismo era a razão de todos os problemas do homem, de forma que a sociedade se imbuía desesperadamente em papéis sociais que contemplassem suas vontades instantâneas incapazes de serem comunicadas, posto que se fosse lhe seriam negadas toda a confiança social. Por isso a sociedade era marcada por sua falsidade e dissimulação, sendo que em todos os prismas da vida o primordial eram as aparências e os adereços adequados. (JANIK; TOULMIN, 1991).

Tratava-se de uma sociedade integralmente patriarcal na qual as mulheres eram destinadas a ser a parte mais sofrida. Cada parte do corpo feminino deveria ser coberta por roupas totalmente incômodas que a faziam necessitar da ajuda para se vestir. As mulheres tinham roupas tão pesadas que exigissem movimentos falsos. Não era possível que elas fossem educadas em níveis que ultrapassassem o considerado fundamental. E por último, o fato do casamento ser um contrato social esclarecia porque tantas pacientes de Freud eram burguesas de meia-vida, porque o modo de vida da sociedade vienense de sua época era frustrante para as mulheres. (JANIK; TOULMIN, 1991).

Foi nessa modernidade que se constituiu a família nuclear no modelo de lar burguês do período, no qual se criou um padrão de feminilidade em que o principal objetivo era o casamento. No entanto, não era bem o casamento entre a mulher e o homem, mas entre a mulher e o lar. Outro objetivo da feminilidade posta nesta época era centrar-se numa postura passiva a fim de que a virilidade do homem burguês fosse sustentada. Os discursos médicos da época relatavam uma

concepção de sexualidade que somente seria realizada a partir da maternidade. (KEHL, 2008).

Devido às grandes produções literárias voltadas ao feminino, pensamentos foram se contrapondo, surgindo assim manifestações imaginárias do desejo reprimido da maioria das mulheres que sonhavam viver a “vida burguesa” fora do papel digno que lhe era dado - de mães distintas e rainhas do lar. (KEHL, 2008).

No campo da sexualidade, passando várias gerações em que mulheres eram educadas para inibir seus “instintos”, a frigidez tornou-se normal entre as mulheres casadas. (KEHL, 2008).

As concepções de Freud sobre a sexualidade foram elaboradas neste meio, e embora retratassem de modo um tanto condizente à época a feminilidade também insultava a delicadeza da classe média de Viena. (JANIK; TOULMIN, 1991). Foi em meio aos ideais de gênero da década de 1930 que Freud se baseou para conceber sua teoria sobre a feminilidade, e que até hoje influencia as concepções de cura na clínica psicanalítica. E época em que suas ideias foram formuladas Freud não encontrou boa recepção. (KEHL, 2008).

Este panorama importa, segundo a concepção de Kehl (2008), porque é necessário averiguar a sociedade a partir da qual Freud se baseou para criar sua teoria, de forma a poder compreender como as mulheres se constituíam como sujeitos.

4.1.3 Concepção Freudiana da civilização

Sua compreensão acerca da sexualidade e da possibilidade de obtenção de satisfação pulsional numa sociedade civilizada fez com que Freud formulasse uma teoria psicanalítica da cultura levando em consideração o sofrimento que a vida em meio a uma sociedade civilizada acarretaria aos indivíduos, sofrimento que, em última instância, seria manifesto no adoecimento psíquico. Segundo Ferraz (1994), Freud teria uma descrença em relação ao futuro da civilização correspondente aos conflitos pulsionais do sujeito, pois a cultura teria tomado um caminho que a levaria a sua própria demolição. Estando sentenciada à ruína, este autor relata também que Freud era pessimista em relação ao homem, pois o sujeito que vive em meio aos ditames culturais estaria destinado à perversão manifesta, à doença nervosa ou

adesão a uma moral dupla, de modo que a sociedade seria marcada por ações mascaradas em meio à hipocrisia do campo das relações sociais.

Freud descrevia que a moral sexual civilizada é em si mesmo geradora de uma insatisfação sexual, causando assim uma influência nociva na saúde psíquica dos indivíduos; esta manifestação direta era contrária à manifestação percebida no sintoma psiconeurótico, em que complexos ideativos inconscientes se manifestariam. Ainda que exista distinção entre essas duas manifestações, a origem das duas seria de uma sexualidade insatisfeita. (FERRAZ, 1994)

.Segundo Mannoni (1999), Freud via a linguagem a partir de mecanismos de defesa que tomariam parte na condensação e no deslocamento de afetos que recairiam sobre elementos verbais, na impossibilidade da libido seguir seu livre curso em uma sociedade civilizada. Já em 1908 Freud via como uma injustiça a sociedade exigir um padrão cultural e um mesmo comportamento sexual de todos os indivíduos, pois algumas pessoas a conseguiam sem esforços seguir estes ditames, de acordo com sua organização, porém outras eram forçadas a sofrimentos psíquicos.

Embora a própria noção de saúde psíquica leve em conta o funcionamento da libido dos sujeitos e tome como princípio uma teoria do desenvolvimento libidinal que os constitui, Freud relata, no entanto, em um dos últimos textos, sua dificuldade em explicar o conceito de feminilidade e masculinidade, apontando seus limites. Descreve que a passividade que se vê nas mulheres e a manifestação de sua pouca agressividade pode ser decorrente da educação recebida e dos costumes sociais. (KEHL, 2008).

4.1.4 Crítica à teoria Falocêntrica

O propósito das pulsões postas para as mulheres na teoria freudiana é levar a termo um único investimento genital: tornar-se mulher, assim como a mãe, com o objetivo de um dia poder obter (do marido, protótipo do pai) um neném/falo igual ao que a mãe dispõe de seu esposo. Esta seria a única realidade possível de levar à satisfação no caso da mulher. (KEHL, 2008)

A este respeito, Maud Mannoni (1999) une-se a uma interlocução retórica com Virginia Woolf, escritora britânica, através da escrita sobre o tema da feminilidade na psicanálise. Em seu livro “Elas não sabem o dizem”, Mannoni situa o

pensamento de Virginia Wolf a respeito desta noção de feminilidade e sua crítica à teoria falocêntrica freudiana. Nesta recepção, Wolf não chega a descartar toda a teoria psicanalítica da sexualidade, mas apenas partes dela. A este respeito, Mannoni situa o cenário, descrevendo que Freud supôs que existisse somente libido masculina e toda criança nascesse com vertentes bissexuais, de forma que a psicanálise deveria investigar como alguém se tornaria “mulher”. Para Wolf a questão se desloca, e seria: “como alguém se torna mulher fora dos delineamentos sexuais constituídos pelos homens”. (MANNONI, 1999, p.18).

Na contraparte da concepção de que a mulher encontraria sua realidade em meio ao encontro de um falo faltoso, tal como posta pelo trauma da castração que iniciaria a menina no complexo de Édipo, no ano de 1925, Wolf ironizava a concepção de Freud quanto o complexo de castração na formação da mulher. Freud destacava como a mulher demonstrava com o esposo a relação precoce vivenciada com a mãe, assim muitas vezes renunciando o pai como objeto de amor. Para Wolf, na mulher a rejeição do corpo da mãe faz com que surja a heterossexualidade, em uma concepção em que a inteligência prevalece sobre a sensualidade. Mannoni (1999) discorre que o pensamento freudiano buscava o que falta à mulher, constatando que a “tensão sexual” da mulher deve ser conservada em um nível baixo, devendo ser cuidada neste sentido pelos preceptores da mulher. O futuro feminino se concretizaria entre a insuficiência de excitação e a superexcitação. (MANNONI, 1999).

Enquanto que Wolf postula a presença de dois sexos, acusa a psicanálise que postula somente uma libido fálica, definida em meio a uma ética da relação pai-filha. “Com humor, ela inverte a noção freudiana de ‘fixação infantil’ da criança pela mãe: considera a fixação do pai na filha; é esta fixação que o leva a intervir na vida de mulher de sua filha”. (MANNONI, 1999, p. 56). Mesmo se Freud discordasse das posições feministas que Virginia Wolf apresentava em suas obras literárias, iria certamente reconhecer que “o conteúdo das construções teóricas da masculinidade pura e da feminilidade pura continua incerto” para a psicanálise. (MANNONI, 1999, p. 29).

Mannoni (1999) explica a mulher que é desprendida sexualmente, esta realidade preocupa os homens, pois no inconsciente deles existiria o retrato sagrado de uma mulher intacta, esposa servil, e que às vezes se colocaria no papel de uma encantadora. A concepção freudiana do Édipo feminino não dá à mulher, outro

caminho a não ser o da regressão à fase pré-edipiana de sua ligação com a mãe. Sem falar que o objetivo não era a cura e sim a pesquisa à respeito do feminino em meio aos estudos sobre a histeria.

Kehl (2008, p.254) relata que Neil Hertz, em um artigo, comenta: Ou Freud não se mantinha alerta a seus afetos eróticos ou paternais referentes à Dora, ou as ações de Freud referentes às mulheres jovens, solteiras e infelizes participava da cegueira e da tendência exploradora patriarcal dominante. Em seu livro “Deslocamento feminino”, Maria Rita-Kehl teve por objetivo mostrar “o que estava acontecendo com as mulheres no momento da passagem da tradição para a modernidade, quando foi criada a psicanálise”.

Kehl (2008) situa que o corte de possibilidades libidinais das mulheres marcada pelos anos, as quais Freud mencionava, não fosse demarcado pela mulher chegar rapidamente ao envelhecimento antes mesmo do homem, mas sim que, após o casamento, existiria uma espécie de “ponto final”. Kehl pontua que talvez fosse impensável para Freud que a condição das mulheres no Ocidente pudesse mudar, abalando assim a “natureza feminina”, sem a contribuição da psicanálise, que foi uma das grandes responsáveis por tal transformação.

Já que histérica fundou a psicanálise tentando dizer a seu médico coisas “além do seu tempo”, que ela não teria outro lugar onde pudesse dizer, ou que ela mesma ainda não dispunha de palavras para expressar, outras mulheres, que os psicanalistas hoje talvez não estejam conseguindo ouvir, podem estar demandando outras escutas que lhes possibilitem se constituir não como histéricas, mas como sujeitos em busca de um discurso próprio através do qual possam escrever um destino diferente do de Marta Freud. E diferente também do de Emma Bovary, que foi buscar no suicídio o único ato capaz de criar um significante que marcasse sua passagem pelo mundo. (KEHL, 2008, p. 272)

Perguntava-se Freud: “As mulheres podem amar?”, dando a entender com isso que a mulher amava somente a si mesma. Pois sendo a mãe seu primeiro objeto de amor, somente depois de trabalhar o luto da mulher é que ocorreria a mudança do amor pelo pai, e posteriormente para o homem amado. Mas a mãe, seu primeiro amor, sempre deixa marcas permanentes, criando assim a base dos amores impossíveis. (MANNONI, 1999).

Desde a época de Freud os psicanalistas se convenceram dessa realidade, porém é só uma mulher dar indícios de desajuste quanto a este lugar cômodo e eles voltam a se perguntar “O que quer uma mulher?”. Kehl relata que é preciso convencê-los de que “ocupar o lugar deste ‘outro’ no desejo masculino, é só isso que quer uma mulher”. (KEHL, 2008, p. 232).

Apesar de alguns pensamentos serem certamente influenciados pelos preconceitos de sua época, Ferraz (1994) descreve que Freud e sua teoria da civilização prestou de fato grande ajuda no campo da ética, especificamente da ética social, o que pode ser verificado em algumas de suas análises de várias instituições e acontecimentos culturais da humanidade, como a arte, o trabalho, a ciência, a religião, o vício e a loucura.

Kehl (2008) endossa este reconhecimento, expressando que Freud tentara levar a termo a única alternativa que suas limitações - de homem do seu tempo - poderia lhe ofertar: curar a histérica, reconciliando a mulher com sua feminilidade. Segundo a autora, as transformações da sociedade atual não significam que a metapsicologia freudiana não tenha mais valor, e sim que a psicanálise deve ser móvel o suficiente para compreender as transformações dos indivíduos juntamente com a sociedade em que vivemos. Todos os conceitos psicanalíticos continuam sendo fundamentais para a clínica; porém, os significantes mudam e os indivíduos se ressignificam.

4.2 CAPÍTULO 2: CONTEMPORANEIDADE - IDEAIS DE FELICIDADE, RELACIONAMENTO, CULTURA

Ferraz (1994) explica que a teoria freudiana da civilização se traduz na necessidade do conflito, onde o sujeito procura felicidade, satisfação e inexistência de dor. É óbvio que a concepção da civilização se trata de um ensaio de ordenação que teve como objetivo a procura de um bem estar e proteção para o homem; sendo assim, sua conquista pode ser designada como um sucesso das pulsões de vida. Porém quando se cria a norma buscando aplicá-la a todos e essa se equipara a uma exigência moral, surgindo assim as manifestações de uma pulsão de morte. Então, através desta pulsão surgem na mulher mecanismos incoerentes com seus objetivos, ou seja, mecanismos autodestrutivos, como a guerra por exemplo.

Em meio a esta análise, talvez possamos situar o mecanismo de nossa contemporaneidade como nos pondo diante das mesmas incoerências pulsionais, especialmente quando consideramos os ditames postos pelos ideais de felicidade em nosso tempo. Numa cultura que equipara ideais de felicidade prontos, passíveis de serem adquiridos em pacotes de subjetividade já prontos e vendáveis, marca do capitalismo, nasceu toda uma ideologia que intensifica a necessidade de satisfação instantânea das vontades: intensifica cada vez mais a demanda imediata pela satisfação, engrandecendo o crescimento pessoal, colocando com imprescindível a glória do bem-estar, da comodidade e da diversão. Utilizar o gozo sem esperar deleitar-se, distrair-se, não deixar de fazer nada, a espera de um futuro promissor, são marcas de um imperativo sucessivo do consumo de momentos como esperança de um futuro feliz. (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004).

Em meio a esta urgência, surge fatalmente o desespero de não conseguir cultivar a plena felicidade, especialmente quando ela pressupõe o convívio com um outro. O ser humano é dotado de alguns traços, como afinidade, parentesco individualidade, que fazem parte da convivência humana.

Além disso, as normas de nossa cultura também ditam necessariamente nosso modo de viver; esta massificação, antes de ser sentida como uma opressão é até mesmo bem vinda, como expressa Lipovetsky; Charles (2004):

Quanto menos as normas coletivas nos regem nos detalhes, mais o indivíduo se mostra tendencialmente fraco e desestabilizado. Quanto mais o indivíduo é socialmente cambiante, mais surgem manifestações de esgotamentos e "panes" subjetivas. Quanto mais ele quer viver intensa e livremente, mais se acumulam os sinais do peso de viver. (LIPOVETSKY, 2004, p. 84)

Desta feita, as normas sociais e culturais passam a ser vistas pelos sujeitos como uma garantia de conforto. Um exemplo disso seria a sociedade de consumo ligada à sociedade do espetáculo, que trouxe consigo a probabilidade ideológica de subjetivação da mulher. Esta se torna mulher a partir de uma transformação: uma esplêndida e esbelta consumista de muitos produtos expostos pela divulgação no formato de espetáculo. Dessa forma, a subjetividade acaba sendo comprada. (NASCIMENTO; PROCHNO; SILVA, 2012).

Preocupar-se com o corpo, nos assegura a cultura, é imprescindível, o conceito de saúde-beleza impõe-se como definitivo, sendo que a saúde também tem um modelo estético instituído, e nos é exposto como a porta autêntica e protegida para a felicidade pessoal. A fala da mídia afirma ser capaz de acabar com o vazio existencial, cujo nenhum indivíduo poderá fugir, e a grande armadilha seria confiar que o consumo poderia encher este vazio. (VILHENA; MEDEIROS; NOVAES, 2005).

Nesta formatação da feminilidade e de uma vida boa e feliz, a mulher se encontra distante do seu corpo ou perante ele, que se tornou mais importante, que o homem. Assim, afirma-se que a mulher não é o seu corpo, mas precisa virar dona dele, e para isso, ela o compra. O corpo da mulher foi transformado em espetáculo, sendo sua subjetividade diminuída a um culto maquiado, símbolo da mulher contemporânea. Todavia, a propaganda usa a subjetividade do consumista de forma compulsiva e se afirma na coerência do seu anseio sem fim - que, de acordo com a psicanálise, se compõe como sensação de que “alguma coisa falta” - para manter a norma capitalística. Ou seja, a propaganda se ampara nas fantasias do indivíduo ao se encontrar com suas figuras valorativas e falas reprodutivas, a fim de que ele se identifique com seus ditames e com o artigo de consumo divulgado por meio deles, e possa se achar, em meio a este jogo, enquanto indivíduo faltante. Dessa maneira, o indivíduo tem a fantasia de que a obtenção daquele produto, e de tudo que se agrega a ele - como valores, estilos sociais, ideais, etc. - significarão também obter-se a si, a partir da garantia de posse de seu repertório de ser e estar no mundo. (NASCIMENTO; PROCHNO; SILVA, 2012).

Outro ponto crucial para essa busca constante de sanar o vazio para obter a felicidade seria o relacionamento. Apesar de vivermos antagonicamente em um mundo de “individualização”, as uniões amorosas se transformam em bênçãos imprecisas. Alternam constantemente em torno de sonho e pesadelo, e não se sabe quando se transforma em uma coisa ou em outra. Em seu livro “Amor líquido”, Bauman discorre sobre as ameaças e preocupações de se conviver junto e separado, em nossa sociedade moderna. Apesar dos riscos, os “relacionamentos” são considerados algo que vale a pena. Alguns sociólogos baseados pelo senso comum dizem que os sujeitos contemporâneos estão totalmente dispostos ao vínculo, a amizades, e a vida em comum. No entanto, nos dias atuais as expectativas se encontram na felicidade que almejamos encontrar nas relações, pelo fato do relacionamento com nós mesmos não serem satisfatórios. Porém, diz

Bauman, o preço a se pagar por isso tem sido exagerado e intolerável. (BAUMAN, 2004).

Os indivíduos contemporâneos esperam em seus relacionamentos o desfecho para todos os problemas, usufruir de todos os benefícios de um relacionamento, mas esquivar-se ao mesmo tempo, de seus períodos mais rudes e dolorosos; “forçar uma relação a permitir sem desautorizar, possibilitar sem invalidar, satisfazer sem oprimir...”. (BAUMAN, 2004, p. 7)

Diante disso, percebe-se quão grande é a transformação sofrida no conceito de amor romântico, como o “até que a morte nos separe” se encontra definitivamente ultrapassado, tendo sido esse conceito esquecido devido às modificações das estruturas sociais, que era de onde se retirava energia e reconhecimento. (BAUMAN, 2004).

De acordo com Caryl Rusbult, "especialista em relacionamentos" da Universidade da Carolina do Norte, em um relacionamento investimentos como: tempo, dinheiros, bens em comum e filhos, acabam tendo altos e baixos, assim como os sentimentos de compromisso. Pois o compromisso é um resultado eventual de outras coisas como nosso nível de satisfação com o relacionamento. (BAUMAN, 2004).

Outro impasse que as pessoas vivem é resistem em diminuir gastos, mas odeiam a ideia de perder ainda mais dinheiro no intuito de resgata-lo, supondo que um relacionamento é uma aplicação como outra qualquer, investimos tempo e energia que poderiam ser gastas em outras coisas, de modo que, assim como qualquer outro investimento, espera-se lucro. Porém quando os lucros não são satisfatórios, tende-se a vender o negócio ou investir em outro com rendimento maior. Os lucros esperados nos investimentos amorosos envolvem certa segurança, apoio emocional, conforto na derrota e aplauso na vitória. (BAUMAN, 2004).

Esta analogia da forma como os relacionamentos são moldados na contemporaneidade ao modo consumista é ressaltada por Bauman (2004) compartilhando também a “liquidez” da instantaneidade:

É claro. Relacionamentos são investimentos como quaisquer outros, mas será que alguma vez lhe ocorreria fazer juras de lealdade às ações que acabou de adquirir? Jurar ser fiel para sempre, nos bons e maus momentos,

na riqueza e na pobreza, "até que a morte nos separe"? Nunca olhar para os lados, onde (quem sabe?) prêmios maiores podem estar acenando? (BAUMAN, 2004, p. 15)

Dada a incerteza em obter garantias nos relacionamentos, têm-se a ideia de que quanto menos se investir, menos inseguro vai se sentir quando for exposto às frustrações e emoções futuras. Principalmente se já tivermos tido experiências ruins quanto a um relacionamento. (BAUMAN, 2004).

A afinidade brota da escolha, que deve ser legitimada diariamente com novas ações e investidas para confirmá-la, senão acaba se definhando, até acabar. O intuito de manter a afinidade acesa e saudável se remete a uma luta diária sem períodos de calma. Para nós que vivemos no mundo "líquido" moderno, tal como postulado por Bauman, que abomina tudo o que é sólido e constante, tudo que não se acorda ao caráter instantâneo, o compromisso sólido nos relacionamentos amorosos vai mais além do que aquilo que estamos preparados para assumir. Pelo fato do vínculo de afinidade custar o preço da luta diária e tediosa, amar passa a querer dizer estar a ofício, pôr-se a disposição, mas também quer dizer desapropriar-se e reconhecer o comprometimento: controle por meio de abdicação, dificuldade decorrendo em glorificação. Se o desejo pretende tragar, o amor pretende obter, porque sendo o objetivo do desejo concordar com o extermínio do seu objeto, o amor cresce com sua obtenção e na sua duração. Neste cenário o amor é mais vantajoso e por isso desejado, pois se o desejo se auto aniquila, o amor se auto preserva. (BAUMAN, 2004).

O desejo sexual continua sendo mais evidente e seguramente forjado no âmbito social. Ele aumenta a disposição de ir em direção ao outro, demandar por sua existência e empenha-se para resultar em união, ambicionando uma vida em comum. O desejo transforma qualquer pessoa, por mais independente que seja em incompleto e descontente, a não ser que esteja junto ao outro. Mas mesmo junto ao outro, não implica em proximidade física, e, desta forma, passa a existir na contemporaneidade um público em que a intimidade virtual ganhou preferência. "A solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum". (BAUMAN, 2004, p. 39)

As “relações virtuais” diferentemente dos relacionamentos conservadores, parecem ideais para o líquido contexto contemporâneo, em que se tem a expectativa que as “perspectivas românticas” apareçam e desapareçam cada vez mais rápido, anulando respectivamente e procurando colocar propostas de “ser mais bem-sucedida e plena”. Ao contrário dos “relacionamentos da realidade” é simples tanto ingressar como abandonar um “relacionamento virtual”. Comparando com a vida real, que é impreciso, esses relacionamentos aparentam simples e acessíveis. Um rapaz de 28 anos da universidade de Bath ao ser entrevistado sobre o crescimento das relações pela internet, em comparação aos barzinhos, coloca que os “relacionamentos virtuais” são um benefício indiscutível, pois “Sempre se pode apertar a tecla deletar”. (BAUMAN, 2004, p. 8)

Diante destes cenários, podemos perceber que as pessoas têm visto o compromisso com outrem cada vez mais uma armadilha que se deve evitar a todo custo, pois a cultura consumista em que vivemos prefere o produto finalizado para utilização instantânea, a satisfação breve, visando obter resultados que não necessitem de empenhos duradouros e garantia integral. Prometem ensinar a arte de amar que é a oferta, que, apesar de ser falsificado, enganador, porém se ambiciona que seja verídica. No entanto, ao se parecer com outros produtos que seduzem, mostrando todas essas virtudes e assegurando desejo sem angústia, a batalha sem esforço e resultados sem dificuldades, são passíveis de descarte e troca, funcionando ao modo do mercado de consumo. Antes de configurar uma potência e autoestima, estas relações amorosas liquefeitas refletem uma espantosa fragilidade do amor, juntamente com sua recusa em aguentar a delicadeza exigida no convívio. (BAUMAN, 2004).

Nos dias atuais é marcante o papel da mídia e da cultura, que mostram o culto a beleza e instituem a noção de que também os relacionamentos são algo análogo a produtos que podem ser destrocados, e mesmo garantindo a satisfação não permanece em uso por muito tempo - pois logo é instigado a trocar por outras novas versões mais aperfeiçoadas, de forma que esses “produtos”, mesmo em bom estado, acabam se tornando lixo (BAUMAN, 2004). Frente a esta instantaneidade, a própria felicidade feminina permanece inalcançável, posta sob a ameaça da fugacidade dos investimentos.

4.2.1 O narcisismo como protótipo de recepção dos ditames culturais

Estabelecemos nossa subjetividade em uma cultura na qual o contexto social dá significação ao conhecimento que cada um tem de si. (OLIVEIRA, 2007).

No entanto, atualmente a mulher vem lutando para esse avanço esperado, e apesar das conquistas femininas, a cultura traz novas cobranças e tem horror em adiar, escolhendo a satisfação imediata. Por isso as pessoas são levadas pelos seus impulsos a liderarem o espetáculo, sem mesmo existir um cenário preestabelecido. A abreviada perspectiva de vida é equilibrada pelo desejo de obter o êxito dos impulsos e dos desejos. Submeter-se aos impulsos, ao oposto de seguir um desejo a ser conquistado por meio de uma iniciativa de longa data, se torna algo transitório: a realização dos impulsos ocorre de forma compacta, e com o surgimento dos cartões de crédito, não necessitamos aguardar para atender nossos desejos narcisistas. (BAUMAN, 2004).

Outro ponto importante nos relacionamentos da atualidade é a comunicação. Chris Moss, segundo nos conta Bauman (2004), expõe que nossas falas em chats, celulares, serviços de texto 24 horas fazem com que a introversão seja trocada por uma comunicação extasiada e vã que divulga nossas intimidades sem critério ou intenção justificada.

Uma mensagem brilha na tela em busca de outra. Seus dedos estão sempre ocupados: você pressiona as teclas, digitando novos números para responder às chamadas ou compondo suas próprias mensagens. Você permanece conectado — mesmo estando em constante movimento, e ainda que os remetentes ou destinatários invisíveis das mensagens recebidas e enviadas também estejam em movimento, cada qual seguindo suas próprias trajetórias. Os celulares são para pessoas em movimento. (BAUMAN, 2004, p. 37)

Os relacionamentos travados por meio de comunicação em aparelhos celulares fazem com que se torne desnecessário olhar nos olhos; os olhos acabaram por se transformar em paredes em branco que nada dizem, na medida que os celulares treinariam os olhos a olhar sem ver o outro. (BAUMAN, 2004) Por isso, enquanto a comunicação e exposição digital aumenta, a comunicação real diminui cada vez mais. As pessoas entram em suas casas reservadas, e adentram a

seus quartos reservados, e fecham a porta. A casa se transforma em um ambiente em que cada membro familiar vive isoladamente lado a lado. (BAUMAN, 2004).

Quanto à intimidade propriamente dita, a exposição digital e comunicação extasiada e constante divulga inclusive a sexualidade e a cultura colabora em tudo que envolve a menção ao sexo. A arte erótica forjada na cultura provocou, a partir de então, o impulso sexual autônomo, que passa a substituir a satisfação encontrada na convivência humana. Diversas formas de práticas sexuais são não apenas aceitas, mas aconselhadas popularmente como terapias vantajosas para formas de adoecimentos psicológicos distintos, de modo que o sexo vem sendo praticado como meio na busca pessoal da felicidade, sendo incitado também em uma manifestação pública. (BAUMAN, 2004)

Isso porque passamos a balizar nossa vida no entretenimento, que é o primordial item disponibilizado pela mídia; ele torna o dia a dia um espetáculo, estimulando narcisicamente seus espectadores e levando-os a aparentar-se com as reproduções sociais e ideais que se encontram presentes. Talvez seja precipitado afirmar que a mídia tenha o controle de designar – para o bem e o mal – os métodos de subjetivação da atualidade, embora possamos mais facilmente constatar que a televisão e os meios de comunicação midiática situem modelos de conduta que passam a ditar valores aos indivíduos, sendo assim o marketing e a publicidade são hoje assistidos como empenho efetivo, exercendo uma importante função do segmento de ensino ao público que assim se vê em volta a novos desejos. Seus profissionais auxiliam a “modelar e inventar o planeta das fantasias”, participando então da composição da fantasia social. (ROCHA, CASTRO 2009).

Em todo lugar o devir pelo movimento, a hipermudança sem a culpa de qualquer ilusão, colocada pela efetividade acelerada e performática, motiva uma modernização obcecada que incita o consumismo e os deleites instantâneos narcisistas que se impõem, mas não são capazes de dissipar a preocupação quanto ao futuro. Esta se mostra no culto à saúde e suas formas de prevenção que tomam conta das vidas e trazem esperança ao amanhã. (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004).

A sociedade hipermoderna adquiriu uma compulsão a respeito do tempo para além da produtividade do trabalho e engloba todos os aspectos da vida. Neste imperativo da manutenção de uma individualidade narcisicamente produzida e na demanda de uma vida apressada, a mulher deve definir seus valores, repensando antigos papéis, e dentre eles está a maternidade.

4.2.2 A mulher contemporânea e seus novos papéis

Em nossa sociedade contemporânea a vida doméstica está sendo cada vez menos uma escolha das mulheres, uma vez que a atividade de dona de casa não confere reconhecimento social, trazendo pouca expectativa de felicidade. Ao inverso, passa a ser motivo de angústia, despertando sentimentos de ineficácia. A mulher é posta diante de multiplicidades de papéis que denotam ideais de felicidade forjados pela própria cultura: como o desejo de se realizar profissionalmente e se satisfazer amorosamente, desejos que podem contrastar com o anseio de vivenciar a maternidade. (OLIVEIRA, 2007).

“Simone de Beauvoir era uma mulher singular e no século XX foi vista como uma ameaça por fazer parte de uma revolução feminista, a qual apregoava que as mulheres pudessem ter voz na sociedade e na história”. (FRANÇA; RIBEIRO, 2014, p.03). Criticava situações próprias de sua época, tais como a incompatibilidade entre o campo da maternidade e a vida feminina no trabalho. No início do século XX, ter um filho passou a representar um empecilho para o exercício do trabalho externo, de forma que só se podia continuar com a vida profissional se o filho fosse deixado aos cuidados do pai, amigos ou empregados. Muitas vezes a mulher se via obrigada a escolher pela esterilidade, sendo a maternidade incompatível com a vida profissional. Desta forma, as mulheres independentes tinham dificuldades para encontrar um equilíbrio entre a vida profissional e sua sexualidade, necessitando sacrifícios que exigiam constante preocupação. (BEAUVOIR, 1967). Esta é uma visão lúcida do que ocorria no século passado, mas que se perpetua de maneira bem contemporânea também em nossa própria época.

Um empecilho para a coordenação dos anseios que se levantam à nova mulher é fornecido pela própria cultura que reforça modelos ligados à saúde, boa forma e juventude. Os ideais de felicidade são projetados em figuras femininas de corpos malhados, sexuados, decorrendo do desejo ou de indivíduos medicalizados que batalham contra a fadiga e o envelhecimento. Subentendida, está a dinâmica perfeito/imperfeito, para preencher estes anseios as mulheres têm se esforçado excessivamente para garantir seu ingresso no mercado de trabalho e conquistar seu espaço social e econômico, o que marca o estudo e o trabalho como as principais atividades de vida diária.(VILHENA; MEDEIROS; NOVAES,2005).

Apesar das perdas dos antigos ideais sociais, especialmente os relacionados à família, a mulher contemporânea se sente feliz por se realizar profissional e financeiramente, componentes que levam a uma satisfação pessoal, do contrário do que era esperado pela mulher nos séculos XIX e XX, quando sua função era somente ser uma boa mãe e esposa. (LOPES; DELLAZZANA-ZANON; BOECKEL, 2014).

Mesmo assim a declaração de satisfação é recebida com suspeita, como se uma mulher de fato não fosse capaz de encontrar uma realização fora do papel de esposa e mãe. A este respeito, Beauvoir (1967) já dizia que somente quando o indivíduo deixar sua pretensão de categorização para além da distinção sexual, a mulher poderá colocar seus dilemas, suas expectativas com os da humanidade, e poderá de direito descobrir sua existência.

O desejo de desconstruir o que foi construído pela cultura oferece às mulheres um reconhecimento de si que não se resume nos termos investigados pela clínica das neuroses, e possibilita, a partir da análise, constituir a si mesmas na relação com a feminilidade. (KEHL, 2008).

4.3 CAPÍTULO 3: PROBLEMATIZAÇÃO - MATERNIDADE A DESEJADA E A NÃO DESEJADA.

Descrever a construção social da maternidade na contemporaneidade e discutir os novos papéis que estão sendo conferidos à esta nova mulher, bem como as consequências no contexto familiar é o que se pretende. Podemos situar como um marco para a revolução do papel feminino a conferência proferida por Margarete Hilferding, discípula de Freud, no Círculo Psicanalítico de Viena, que diz que a pureza do amor materno não seria a regra. Afirmando que o bebê deve se constituir como objeto sexual de sua mãe, de forma a ter uma posição prestigiada de filho amado, Hilferding sentencia que o aparecimento do amor materno vem muito mais de fatores psicológicos do que fisiológicos. (KEHL, 2008).

É por meio da cultura que criamos a identidade feminina, de modo que podemos perceber que na mulher não existe nenhum aptidão milagrosa que se desvendará com a maternidade. O amor da mãe pode ser aprendido com a maternagem, o que é diferente da noção mítica de maternidade pelo fato de poder

ser desenvolvido também por homens. O fato da mulher gerar o bebê não dá a ela mais propriedade em relação a criança do que o pai, de modo que o vínculo afetivo é construído com os cuidados ministrados, como o mostra a relação de pais adotivos com seus filhos. Embora a sociedade tenha passado por mudanças sociais significativas, ainda se preconiza a maternidade como destino adequado para as mulheres. (OLIVEIRA, 2007).

Em épocas passadas, como nos diz Bauman os filhos, no olhar de todos, eram bons investimentos, e como tal, quanto mais se tinha, melhor. Além do que eles eram uma aposta, pois a probabilidade de vida era curta. Na Bíblia, o juramento de Deus a Abraão - "Vossa semente haverá de multiplicar-se como as estrelas no céu e como a areia sobre as praias do oceano" – era adequadamente uma benção. No entanto, eles são percebidos na contemporaneidade, ao modo de uma condenação. A benção estava na ideia que se tinha antigamente de que os filhos perpetuavam a vida mortal dos pais e por isso perecer sem tê-los expressava jamais ter formado uma ligação. A morte de uma pessoa sem filhos expressava a morte da descendência, o que era mais respeitável dos encargos. (BAUMAN, 2004, p.28).

No entanto, nos dias atuais as mulheres objetivam o momento “certo” para ser mãe devido à complicada equação entre a vida profissional, o equilíbrio afetivo com o parceiro (e provável pai de seu filho), e estabilidade econômica. (OLIVEIRA, 2007). Deste modo as famílias estão modificando suas estruturas e transformando-as em algo “indeterminado” na liquidez do século contemporâneo, com a aquisição de variadas redes de parentesco. A maternidade passa a ser, de destino, a uma escolha – definitiva e uma razão para a manutenção de um relacionamento afetivo mais durável. (BAUMAN, 2004).

Objetos de consumo servem a necessidades, desejos ou impulsos do consumidor. Assim também os filhos. Eles não são desejados pelas alegrias do prazer paternal ou maternal que se espera que proporcionem — alegrias de uma espécie que nenhum objeto de consumo, por mais engenhoso e sofisticado que seja, pode proporcionar. (BAUMAN, 2004, p. 28)

Na nossa sociedade líquida³, os filhos acabaram se tornando uma das mercadorias mais caras de se adquirir no decorrer da vida. É comparado a algo mais dispendioso que um automóvel caro ao ano ou a uma viagem em volta ao mundo, sendo que estes gastos podem crescer com tempo. Em uma sociedade onde nada é garantido, não é ofertado planos de carreira ou serviços seguros, adquirir algo com parcelas a um preço obscuro, a serem quitadas por tempo indeterminado, implica em lançar-se a um perigo grande e uma nascente de temor e inquietação. (BAUMAN, 2004).

Mais dolorosamente, ter filhos significa aceitar essa dependência divisora da lealdade por um tempo indefinido, aceitando o compromisso amplo e irrevogável, sem uma cláusula adicional "até segunda ordem" — o tipo de obrigação que se choca com a essência da política de vida do líquido mundo moderno e que a maioria das pessoas evita, quase sempre com fervor, em outras manifestações de sua existência. Tomar consciência de tal compromisso pode ser uma experiência traumática. A depressão e as crises conjugais pós-parto parecem enfermidades específicas de nossa "modernidade líquida", da mesma forma que a anorexia, a bulimia e incontáveis variedades de alergia. (BAUMAN, 2004, p. 29)

Nesta "liquidez" típica da motivação incessante da sociedade do consumo, todos os bens adquiridos - ainda mais os bens duráveis - são oferecidas garantias, assim como devolver o dinheiro, assistência técnica, sendo que nenhuma dessas proteções são ofertadas na hora do parto. (BAUMAN, 2004).

Companhias que ofereçam a chance de "escolher um filho num catálogo de doadores atraentes" e clínicas de boa reputação que componham por encomenda o espectro genético de uma criança em gestação não precisam se preocupar com a falta de clientes ou a redução do volume de negócios lucrativos. (BAUMAN, 2004, p. 29)

Uma escolha consciente da maternidade que valorize a criança depende, segundo Scavone da classe sócio-econômica da mulher, que equaciona as variadas

³ Este conceito de liquidez, utilizado por Bauman em diversas obras, tenta apreender a mudança de referências antes consideradas "sólidas" na sociedade, sinalizando voracidade e a ausência de instituições tutelares a partir das quais a sociedade se orientaria nos mais variados âmbitos.

influências dessa mudança. Os modelos de maternidade vêm crescendo e, cada vez mais, surgindo diversos tipos de mães, como mães secretárias do lar, mães provedoras da família, mães produção autônoma, mães homossexuais, sem falar nas alternativas de cuidados da criança – escolas 24 horas, jardim de infância público, babá, escolinhas particularizadas, conhecidos que ajudam, crianças que acabam se cuidando sozinhas, avós etc. Desta forma, a maternidade foi se modificando, seguindo também as influências feministas e as vontades de cada mulher. (SCAVONE, 2001).

Essa nova possibilidade em ser mãe não se reduz apenas ao adiamento, mas também a diminuição do número de filhos. (OLIVEIRA, 2007). A maternidade, então, foi reduzida por causa da dúvida entre a vida profissional e a vida familiar. Sua concretização ainda é um impasse para as mulheres que almejam adotar uma carreira profissional, já que elas que elas tomam a maioria das tarefas do lar, não significaria esta uma das causas significativas para as mulheres brasileiras apelarem a saídas drásticas como a esterilização e o aborto, resolvendo pela não maternidade? (SCAVONE, 2001).

O feminismo não assumiu totalmente o tema da maternidade como o conceito normatizante, pelo contrário, inicialmente é desconstruído o entendimento do determinismo biológico que a maternidade é uma fonte de realização para as mulheres. Essa realidade vem se modificando à medida que elas foram lutando para ganhar espaço que antes era conferido somente ao masculino. (COLÓN, 2009).⁴

Em resumo, é presumível ressaltar, em afinidade à família, que a experiência da maternidade dos dias atuais está em um momento de mudança e de concretização de um novo modelo de maternidade, o qual tem como objetivo a procura pela igualdade na responsabilidade parental e cuja realização ainda está além de ser conseguida em todos seus prismas, já que ela implica em uma relação democrática dentre os sexos. Para obter esta igualdade, muitos dados estão em

⁴ Tradução livre do seguinte trecho original. “El feminismo, por otro lado no ha asumido cabalmente el tema de la maternidade en sus efectos más normalizadores y sojuzgantes. En una fase temprana este saber deconstruyó el entendido del determinismo biológico como fuente de sujeción de las mujeres. Planteó que el entendido de que la historicidad de la sujeción de las mujeres tenía que ver con que eran éstas las que parían, en la medida en que se trató de um feminismo que centró su batalla contra los hombres y el espacio de lo masculino.” (COLÓN, 2009.p.07).

jogo, e, dentre eles, a exibição de uma inovação sensível social que derrube os ideais do determinismo biológico. (SCAVONE, 2001).

Este novo modelo, que ora já se esboça, tem diversas nuances e se define com mais ou menos força de acordo com a classe social e o país a que está referido. É o modelo: de proles reduzidas; de mulheres com carreiras profissionais; de mães e pais, juntos e/ou separados, produzindo e reproduzindo; de casais hetero e homossexuais; de mães ou pais criando seus filhos sozinhos; da institucionalização dos cuidados maternos por profissionais especializados; enfim, é o modelo que busca se adequar às mudanças da vida contemporânea, ao mesmo tempo em que é forjado por estas mudanças, redesenhando o funcionamento e a estrutura da família contemporânea. (SCAVONE, p. 57, 2001)

Como mostram os resultados da pesquisa de Lopes, Dellazzana e Boeckel (2014) quanto à multiplicidade de papéis exercidos pela mulher contemporânea e sua relação com a maternidade tardia, existe uma exigência interior e exterior que ela estude, trabalhe, cresça profissionalmente e se torne independente. Esta exigência com o trabalho acarreta em perdas: não ter tempo para cuidar da saúde é algumas delas e decorre da devoção ao trabalho. Um dos principais fatores é a preocupação dessas mulheres em organizar a rotina de trabalho e estudo para a vinda de um bebê.

A mesma pesquisa também apresentou ambiguidade das participantes quanto o seu entendimento e capacidade de ser mãe. As participantes da pesquisa executam variados papéis e múltiplas tarefas e apesar disto se sentem assustadas diante do processo. Curiosamente, toda estabilidade adquirida no campo profissional configura não ser o bastante para que se sintam decididas quanto à maternidade. A idade pode ser um motivo que leva a noção de comprometimento em ter filhos, levando a maiores níveis de exigência e indecisão. (LOPES; DELLAZZANA-ZANON; BOECKEL, 2014). Os autores relatam que o lado positivo da maternidade tardia é maturidade e condição financeiras satisfatória. Já o lado negativo envolve certo perigo para ambos, mãe e filho, em razão da idade avançada da mãe e privação de autonomia, financeira e emocional, conquistadas.

A mulher do século XXI tem optado pela maternidade tardia, que significa que esta continua sendo um projeto de vida, mas deve ser, contudo, realizado

depois da vida profissional. Sendo que a mulher precisa de tempo para se dedicar ao trabalho e estudo, tempo também necessário para se dedicar ao papel de mãe, resultando no adiamento desta como consequência das necessidades que a mulher do século XXI tem encontrado, sendo então a maternidade tardia uma alternativa própria para quem deseja ser mãe e passa dos 35 anos. (LOPES; DELLAZZANA-ZANON; BOECKEL, 2014).

As evoluções da medicina e as transformações sociais significam que cada vez mais a maternidade tardia deve ser entendida como realizável e normal, podendo trazer ganhos para a mãe e para o filho. (LOPES; DELLAZZANA-ZANON; BOECKEL, 2014). No entanto, como pontua Munoz, para as mulheres que não têm tais características, como as mães mais jovens e de classe social baixa, para as quais a maternidade não foi desejada, ser mãe é visto como algo aversivo, como um imprevisto, criando angústia. Esses sentimentos causam uma desordem interior na mulher, contribuindo com a quebra de vínculo com o bebê e depressão, além de inquietações, desesperança e sensação de estar só. Estas mães raramente podem contar com o apoio social. (MUNOZ, 2013) ⁵.

Apesar da definição da maternidade ter mudado com o tempo, ela ainda representa um lugar importante na vida mulher. O benefício das transformações que sofreu é que ela saiu do posto de grande realização pessoal feminina para o lugar de uma possibilidade, uma escolha, que não necessariamente exclui as outras. No entanto, não se pode negar, ainda que com essas inovações de possibilidades fálicas, a mulher ainda se veja cobrada pela cultura para satisfazer tais perspectivas referentes à ser mãe. (MARTINEZ, 2015). Devido às grandes inovações, a sociedade e a família vêm se transformando, sendo que a maternidade também sofreu mudanças, transformando-se num campo cheio de discordância. Entretanto podemos ver falas de uma sociedade patriarcal, como “a mulher que não tem filhos, não é realizada”. (OLIVEIRA, 2007).

⁵ Tradução livre do seguinte trecho original. “In the stories, a type of maternity, perceived as a negative event that was unexpected and assumed with resignation and anguish, was unveiled. To some authors, this situation causes internal disorganization and broken links and generates depression syndromes(19). The feelings of frustration, despair and loneliness that are evident in the analysis of the interviews, both with regard to the unexpected and the unwanted pregnancy, are consistent with the precariousness of the social support and the uncertainty that the mothers have their contexts of social vulnerability.” (MUNOZ, 2013, p. 917).

É preciso entender de que modo a ideia da maternidade se configura para as mulheres que fazem parte de uma sociedade que valoriza o consumo exagerado, a obtenção do domínio econômico e profissional, uma cultura do individual na qual o desenvolvimento financeiro é colocado como caminho para a felicidade. O enriquecimento simboliza em nossa cultura ser reconhecido nos meios sociais, assim como a inserção no meio do consumo. Um olhar livre de preconceitos, opiniões engessados e imutáveis admitirá perceber as peculiaridades e individualidade de cada mulher, e assim, apreender as várias maneiras particulares de encarar probabilidade de ser mãe. (OLIVEIRA, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O que querem as mulheres?” Perguntou-se Freud, sem nunca ter conseguido responder de fato a pergunta. Através das investigações, pode-se perceber que mulher contemporânea está sempre em busca de algo, mas basicamente busca a felicidade e o bem estar. A própria cultura dita nossos ideais de vida feliz e de vida bem sucedida, e se o indivíduo não for capaz de preencher os requisitos necessários para esta vida, será considerado um fracassado. Descrevemos como isso se construiu através da história, como era concebido o feminino na criação da psicanálise, a trajetória de lutas e mudanças na vida da mulher, que, apesar das conquistas que já possui e do que sofreu para alcançá-las, ainda necessita que muito mais seja conquistado. Podemos ver que o indivíduo está sempre buscando a felicidade e que essa necessidade depende de um conflito interno. Como pontua Freud, o indivíduo está sempre procurando bem estar, proteção, ausência da dor e sucesso.

Vivemos em uma cultura que todos preferem resultados rápidos, satisfação instantânea; todos têm pressa e falta tempo, e as pessoas buscam resultados que não necessitem de grandes esforços. O resultado instantâneo é a grande oferta posta pelo mercado, mas para suprir a necessidade de relacionamento, faz-se necessário se precaver contra a pressa e aprender a amar com calma e atenção, ao invés de se buscar obter tudo o que se deseja por meio de uma facilidade massificada que promete o êxito sem esforço, a ser consumido de forma fácil.

Com essa necessidade exagerada de satisfação pessoal, passamos a viver em uma individualização em meio à multidão de contatos virtuais. A sociedade contemporânea não está de modo algum livre de conflitos, e embora preze pelo respeito ao outro, é composta de dúvidas, contradições e discórdia. Uma cultura do individual na qual o desenvolvimento financeiro é colocado como caminho para a felicidade. O enriquecimento simboliza em nossa cultura o bem estar e a possibilidade de ser reconhecido em meios sociais, assim como garantir a inserção no meio do consumo. (OLIVEIRA, 2007).

A sociedade, através da mídia e do culto à beleza situada por meio de padrões estabelecidos, dita que a mulher só será feliz se for bela dentro dos moldes

reconhecidos midiaticamente, além de ser realizada profissionalmente, satisfeita amorosamente, e, por fim, vivenciar a maternidade. Por mais que a maternidade tenha se modificado ao longo do tempo, ela ainda se configura como importante na vida da mulher; porém, na atualidade ela saiu do lugar de grande realização de sua vida para indicar uma possibilidade, uma escolha dentre outras. No entanto, vimos que a mulher ainda é cobrada pela sociedade, não somente para ser mãe, mas também para corresponder às expectativas de felicidade.

Desta forma, a maternidade foi se modificando, seguindo também as influências feministas e as vontades de cada mulher. A mulher do século XXI de classe média tem optado pela maternidade tardia. Como a maternidade não deixa de ser um projeto de vida, o projeto quanto à vida profissional se torna um desejo a se realizar antes do projeto familiar, pois a mulher contemporânea entende que necessita de tempo para o trabalho e, além de tudo, tempo para se dedicar a maternidade, adiando assim o projeto de ser mãe.

Neste cenário, a relação afetiva entre mãe e bebê passa a ser desmistificada e o amor ao filho, antes de ser tido como natural e como algo próprio da mulher, passa a ser visto como culturalmente forjado. Contudo, a naturalização do afeto ao filho ainda é lugar comum, o que faz com que os homens não assumam como igualmente responsáveis o papel de cuidador dos filhos. Ressaltamos que a experiência da maternidade se encontra em um momento de mudança para ocupar um novo modelo de maternidade que procura, primeiramente, a igualdade e responsabilidade de ambos os sexos, mas ainda se encontra longe de ser alcançada por completo, e implica em uma relação de democracia entre os sexos.

Apesar das perdas e da multiplicidade de papéis, a mulher contemporânea se sente feliz por ter conquistado seu posto de trabalho, sendo que o lado profissional está ligado à satisfação pessoal e financeira, o oposto do que era esperado pela mulher nos séculos XIX e XX, quando sua função era somente ser uma boa mãe e esposa. (LOPES; DELLAZZANA-ZANON; BOECKEL, 2014).

Se tivermos uma postura sem preconceitos ou opiniões cristalizadas, e pudermos perceber as peculiaridades e individualidade de cada mulher, tornamo-nos aptos a apreender que há várias maneiras de encarar a maternidade, e ela não inclui todas as possibilidades de alcançar a plenitude e o ideal de vida feliz da mulher. Nenhum modo de viver a maternidade é mais adequado que outro, somente constituído de maneiras particulares. (OLIVEIRA, 2007).

Desta forma, vejo que a mulher contemporânea que não deseja ser mãe pode se sentir feliz com o que busca e deseja, porém a que deseja ser mãe, mas também deseja conquistar sua independência e se realizar profissionalmente sente que ainda existe muito a ser conquistado, pois se encontra sobrecarregada diante das multiplicidades de incumbências, tendo que concilia-las com a “tarefa” de ser mãe. A mulher do século XXI está sendo educada desta forma, a fim de ser o mais versátil possível; porém, os homens não estão sendo educados para acolher a independência e as transformações da mulher, tornando assim difícil o relacionamento. A mulher se vê, então, sobrecarregada como mãe e profissional devido a falta de tempo em relação aos cuidados com os filhos, o que pode gerar consequências nocivas ao psiquismo desses.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo**: A experiência vivida. 2.ed. São Paulo. **Difusão Europeia do Livro**: 1967.
- BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. **O papel da mulher no contexto familiar**: uma breve reflexão. 2008. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>. Acesso dia 19/01/2016.
- COLÓN, Amaryllis R. Muñoz. **Maternidad**: significante naturalizado y paradojal: desde el psicoanálisis hasta el feminismo. **Rev. Psicologías** 2009.Artículos Vol 1. Disponível em: <http://psicologias.uprrp.edu/articulos/maternidad.pdf>. Acesso dia 03/11/2016.
- DOLTO, Françoise; NASIO, Juan David. Origem da palavra “imagem”. In: DOLTO, Françoise; NASIO, J.-D. **A criança do espelho** (A. Telles, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 10-13.
- FERRAZ, Flávio Carvalho. A civilização falida. In: FERRAZ, Flávio C. **A eternidade da maçã**: Freud e a ética. 2.ed. São Paulo: Editora Escuta,1994.p. 87-96.
- FRANÇA, Fabiane Freire, RIBEIRO, Tamires Almeida. **Simone de Beauvoir e o movimento feminista**: contribuições à Educação. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014. Disponível em: www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT6_Tamires%20Almeida%20Ribeiro.pdf. Acesso em: 02 Dezembro 2016.
- JANIK, Allan; TOULMIN, Stephen. **A Viena de Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamento feminino**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles. CHARLES, Sebastien. **Os tempos hipermodernos**. Tradução Mario Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LOPES, Manuela Nunes; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato; BOECKEL, Mariana Gonçalves. **A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia.** *Temas psicol.* Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 nov. 2015.

MANNONI, Maud. **Elas não sabem o que dizem:** Virginia Woolf, as mulheres e a psicanálise. Tradução: Lucy Magalhães. Revisão: Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MARTINEZ. Luiza Leal. **O lugar do filho autista no desejo materno:** Impactos e possibilidades na intervenção clínica. 2015. 82f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Instituto de psicologia Departamento de Psicologia clínica Programa de pós-graduação em psicologia clínica e cultura. Brasília. 2015. Disponível em:

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20005/1/2015_LuizaLealMartinez.pdf.

Acesso dia 10/20/2016.

MUNOZ, Luz Angélica et al ., **The motherhood experience in the context of social vulnerability:** a comprehensive approach to social phenomenology . *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 4, p. 913-919, Aug. 2013. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692013000400913&lng=en&nrm=iso>. Acesso dia 28 de out.. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692013000400012>.

NASCIMENTO, Christiane Moura; PROCHNO Caio César Souza Camargo; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. **O corpo da mulher contemporânea em revista.** *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro , v. 24, n. 2, p. 385-404, Aug. 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198402922012000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Out. 2016.<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922012000200012>.

OLIVEIRA, Paula Barbosa de. **A Mulher e a Representação da maternidade.** 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de

Pernambuco. Recife, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp131225.pdf>. Acesso dia 05/02/2016.

PROST, Antoine. A família e o indivíduo. In: ÁRIES, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida Privada: da Primeira Guerra aos Dias Atuais**. Organização PROST, Antoine e VINCENT, Gérard. Tradução BOTTMANN, Denise. 7 ed. São Paulo: Companhia da Letras. v.5, p. 61-114. 1987.

ROCHA, Rose de Melo; CASTRO, Gisela. G.S. **Cultura da mídia, Cultura do Consumo**: Imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. Logos 30. Tecnologias de Comunicação e Subjetividade. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/361>.

SCAVONE, Lucila. **Maternidade**: transformações na família e nas relações de gênero. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 5, n. 8, p. 47-59, Feb. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832001000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso dia 06 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832001000100004>.

VILHENA, Junia de; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana de Vilhena. **A violência da imagem**: estética, feminino e contemporaneidade. Rev. Mal-Estar Subj. Fortaleza, v. 5, n. 1, mar. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482005000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 set. 2015.